

A Revista de Ciências Médicas e Biológicas chega ao seu nono ano, consolidando-se cada vez mais como um veículo de divulgação científica no Brasil, acompanhando o crescimento da produção científica nacional e dos programas de pós-graduação de nossas universidades.

Nesse exato momento há a discussão sobre a avaliação da produção acadêmica com a comunidade científica e as sociedades científicas das diversas áreas, com o debate sobre critérios de produtividade. Foi emblemática a realização do I Simpósio de Avaliação Científica no final de 2010. Estavam presentes o presidente do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) à época, Carlos Aragão, e o então diretor de avaliação da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes), Lívio Amaral. Esse debate prossegue no governo federal.

É muito salutar que à medida em que os programas de pós-graduação se consolidem e o Brasil tenha cada vez maior destaque acadêmico, e não somente econômico no panorama internacional, haja esse esforço da comunidade acadêmica em aprimorar a avaliação de sua produção. A avaliação terá reflexos nas linhas de pesquisa, no financiamento e nas prioridades da sua produção intelectual.

Entretanto, apesar da excelência da universidade pública brasileira e do reconhecimento internacional de sua pós-graduação, a Educação Básica ainda precisa avançar de modo significativo. Há uma grande diferença entre as condições de trabalho e a qualidade de nossa educação pública universitária e a Educação Básica. Uma aproximação desses diferentes níveis e o estabelecimento de mais pesquisas sobre como melhorar o ensino na Educação Básica e como superar as suas dificuldades para garantir sua qualidade devem ser estimulados, e a avaliação da pós-graduação e da produção científica pode contribuir para induzir esse objetivo, valorizando na pontuação de produtividade os cientistas brasileiros com engajamento para resolver esses problemas sérios.

O ensino de Português e Matemática hoje é avaliado pelo MEC através do Prova Brasil e do Índice de Desenvolvimento da Educação Básica, o que é fundamental para termos metas de crescimento, planos de ação e investimentos na Educação Básica. O novo Plano Nacional de Educação (PNE) que será aprovado pelo Congresso Nacional ainda em 2011 alarga o espectro dessa avaliação, inserindo a avaliação de Ciências, e estabelecendo como parâmetro o PISA, sistema de avaliação internacional que avalia nossos estudantes nesse âmbito científico em comparação com os países da OCDE e alguns outros convidados, num total de cerca de 56 nações. O Brasil ainda tem resultados muito negativos no PISA, sempre estando entre os últimos, quando não em último. As universidades, suas pós-graduações e os professores podem contribuir para mudar essa realidade, a deve-se criar estímulos para esse engajamento. Afinal, a universidade e a pesquisa também dependem que se tenha um sistema de Educação básica que forme uma população “alfabetizada e letrada cientificamente” para permitir o avanço da Ciência de forma sustentada no Brasil.

Ao lado disso, a produção científica na academia deve contribuir para mudanças na graduação, estimulando a produção de conhecimento pelos alunos de graduação. Essa produção é alcançada ultrapassando-se o modelo de ensino jesuítico, ainda largamente disseminado nas instituições, caracterizado pelas aulas expositivas, trabalhos individuais e provas que visam a identificar conteúdos de forma segmentada. Devem-se propor mudanças de currículo e modelos novos de ensino-aprendizagem. O “ensinar pela pesquisa”, como propõe Pedro Demo, deve ser perseguido, com novos desenhos curriculares e didáticos, como o modelo de Aprendizagem por Problemas (PBL).

A pesquisa científica deve estar na graduação como estratégia de aprendizagem dos alunos, estimulando a leitura, a definição de projetos de pesquisas e a elaboração de artigos com sua

apresentação. Esse método proporciona um resultado na aprendizagem mais significativo. O estímulo à autonomia discente, ao gosto pela pesquisa, à sistematização de um plano de investigação e ao trabalho em grupos de pesquisas é o paradigma que vem se consolidando.

A experiência de trabalhar com pesquisa com alunos utilizando a Revista de Ciências Médicas e Biológicas na disciplina de Metodologia da Pesquisa na área de Saúde tem nos mostrado o quanto os alunos abraçam essa nova proposta. Eles se engajam no processo de pesquisa, com autonomia, leitura crítica, realização de observações e coleta de dados. Os alunos da graduação assim nos confirmam também esse caminho, de estimular a pesquisa e a literatura de divulgação científica como base de uma nova pedagogia.

**Penildon Silva Filho**

*Doutor em Educação*

*Professor do Departamento de Fonoaudiologia*

*Ex-Diretor Geral do Instituto Anísio Teixeira – Governo da Bahia*